A MENINA DA FLOR

Warley Matias de Souza



Warley Matias de Souza

A MENINA DA FLOR

Souza, Warley Matias de, 1974-
A Menina da Flor / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2015.
ISBN 978-85-919584-2-9
1. Literatura infantojuvenil. I. Título.
CDD-028.5
A MENINA DA FLOR

Capa: *Gabriel Lavarini*

(Obra revista pelo autor em 2024)

Para você, Menina da Flor.

A Menina da Flor

Rosa era uma menina negra, sete anos de idade, olhar sereno e sorriso aberto. Tinha os dentes para fora; mas não se envergonhava disso. A mãe dizia que logo usaria um aparelho. Mas Rosa dizia que não, que gostava de ter os dentes assim salientes.

— Goste ou não goste — dizia a mãe, meio brava com a menina — logo logo você vai usar aparelho.

A menina ficava em silêncio; não costumava discutir com a mãe. Mas bem que discutia em pensamento, silenciosa, sem que ninguém pudesse ouvir.

O quartinho de Rosa tinha uma cama, um guarda-roupa e um espelho, no qual a menina gostava de se olhar. Ficava olhando-se, rindo, mostrando os dentes salientes. Fazia tranças malfeitas nos próprios cabelos. Um dia, pegou o batom de sua mãe sem dizer-lhe nada, lambuzou os lábios com um batom vermelho.

— Estou bonita, mãe? — perguntou a menina, com aquele seu sorriso cheio de dentes.

A mãe não conseguiu nem achar bonito nem engraçado.

— Rosa, lava essa boca agora, menina. E nunca mais pegue o meu batom sem pedir antes, ouviu?

A menina, magoada, correu para o quarto, trancou-se lá dentro e chorou. Por que a mãe reprovava tudo o que ela fazia? Só queria ficar bonita também, era só o que queria, ser como sua mãe.

Mas logo Rosa deixou o choro de lado. Ficou olhando, distraída, uma aranha no teto, enrolando a comida, um inseto pouco esperto. Havia teias de aranha no quartinho de Rosa. As aranhas comiam os pernilongos, e Rosa odiava pernilongos. A mãe quisera tirar as teias do quarto. Rosa pedira:

— Mãe, por favor, deixa as bichinhas lá, não fazem mal a ninguém.

A mãe, como tinha dó de matar as aranhas, fora deixando. A menina não mexia com as aranhas, e as aranhas não mexiam com a menina.

Rosa gostava de passear com seus amigos: duas galinhas gordas e um morcego que morava no bolso do seu macacão. Rosa não deixava que a mãe lavasse aquele seu macacão azul. Quando tinha vontade, depois da escola, vestia o macacão sujo e saía andando pelo bairro, o morcego no bolso, as duas galinhas seguindo-a.

Quando saía assim, Rosa tinha um só objetivo. Ficava atenta a todos os quintais. Seus preferidos eram aqueles que não tinham muros altos, cada vez mais raros, e quintais com grade, pois, assim, podia ver os jardins. E se, em um

desses quintais com muros altos, um portão se abria para um morador sair ou entrar, ela esticava o pescocinho, curiosa, tentando ver se ali havia um jardim.

Nas casas que tinham jardim, ela batia palmas, tocava campainha ou interfone. E esperava até alguém atender.

— Dona — dizia a menina, — a senhora podia me dar uma flor?

A primeira vez que Rosa pedia uma flor, normalmente, ela ganhava-a com um sorriso nos lábios do dono ou dona do jardim. Raramente, encontrava um dono ou dona de jardim mal-humorados. Mas, quando isso acontecia, ela baixava os olhos, sorria seu sorriso cheio de dentes e, meigamente, insistia:

— Por favor...

Ao ganhar a flor, a menina saía feliz, caminhando no canto da rua, enquanto despetalava a flor recebida.

No bairro, todos a conheciam como a "Menina da Flor". Era assim que lhe chamavam aqueles que não sabiam o seu nome. Muitos diziam que ela era meio lelé da cuca. Outros, que toda criança é meio lelé. E os mal-humorados afirmavam que não davam mais flor para aquela menina, pois ela pedia as flores só para destruí-las depois.

Eles não sabiam que Rosa, ao despetalar as flores, sentia uma coisa boa dentro de si, uns arrepios, a batida forte do coração. Tirava uma pétala, cheirava-a, às vezes a beijava, e depois a deixava cair, uma atrás da outra. Para muitas pessoas, a atitude da menina era um verdadeiro mistério. Quando lhe perguntavam por que fazia aquilo, Rosa apenas sorria aquele seu sorriso cheio de dentes e não respondia. “Menina doida”, pensavam alguns. Outros, no entanto, achavam engraçado e continuavam dando flores para a menina despetalar.

Solta a franga, menina!

Eram duas galinhas gordas. Amigas inseparáveis de Rosa. A galinha branca com listras cor de laranja era a Giralda, já a galinha cor de laranja com listras brancas era a Generosa. Não deixavam passar nada, comentavam tudo que viam. Generosa sempre ria quando alguém passava perto delas, pois conseguia ver defeito em todo mundo. Em uma ocasião, ao olhar para um menino que passava, falou:

— Olha lá, Giralda.

— Que foi, Generosa?

— Aquele menino não tem o pé muito grande não?

— Pior que tem.

E as duas galinhas caíram na gargalhada.

— Vocês são muito fofoqueiras — criticou-as Rosa. — Falam mal de todo mundo!

— Solta a franga, menina! — disse Generosa.

E Giralda parou até de caminhar, de tanto rir, pois achava muito engraçado quando a outra dizia aquilo.

— Ai, ai — disse Giralda. — Você me mata de rir, Generosa.

— Mas é verdade, Rosa precisa soltar a franga que tem dentro dela.

Rosa sorriu e falou:

— Eu não sou franga não, meninas.

E Generosa respondeu:

— E nem nós somos meninas.

Aí Giralda começou a rir de novo.

— Nossa, Giralda — disse Generosa, — você não para de rir.

— É que você é muito engraçada, Generosa.

— Vou carregar você, Giralda — disse a menina, — já que não consegue caminhar de tanto que ri.

E Rosa pegou Giralda.

— Obrigada, Rosa — agradeceu Giralda, em meio aos próprios risos.

— Mas, e eu? — protestou Generosa, correndo atrás da menina.

— Eu não consigo levar as duas não, vocês são muito pesadas.

— Estou até magrinha demais! — protestou Generosa. — Afinal, como tão pouco!

Giralda ficou séria:

— Pouco?! — exclamou. — Mas não tem milho que chegue para você!

— Vocês não vão brigar agora, não é mesmo? — falou Rosa. — Olhem só aquele jardim lindo.

— Onde? Cadê? — perguntou Generosa, dando pulinhos. — Não vejo.

— Mas é muito bonito mesmo — disse Giralda. — Aquelas pétalas de rosa parecem bem saborosas.

— Ai, cadê? Não vejo.

Rosa pôs Giralda no chão e pegou Generosa.

— Ali ó. Está vendo?

— Uhm... não é tão bonito assim.

— Vou lá pedir uma flor de novo.

Rosa pôs Generosa no chão. Aproximou-se da casa e, antes de bater palmas, sentou-se no meio-fio para descansar.

— Está cansada de novo, Rosa? — perguntou Giralda.

— Sim, um pouco cansada. Logo logo fico bem de novo.

— Ai, Rosa — disse Generosa, — seu coração novo está demorando a chegar, hein?

E Giralda falou:

— Não entendo por que a loja não fabrica esse coração logo!

— Já expliquei para vocês, meninas. Mas deixa para lá. Já estou bem agora.

Rosa levantou-se, aproximou-se do portão, e as galinhas foram atrás dela. Bateu palmas.

— Ih, acho que não tem ninguém aí não — falou Giralda.

— Bate palmas de novo, Rosa — aconselhou Generosa.

Rosa bateu palmas outra vez.

Uma mulher baixinha, com cara de bruxa, foi atender-lhe.

— Dona, me dá uma flor? — pediu Rosa, com seu sorriso cheio de dentes.

— A última vez que te dei uma flor, você saiu despetalando a coitada — falou a mulher. — Não dou mais!

— Mas...

— Nem mas nem meio mas. Não dou e pronto!

Rosa fez uma cara de choro.

— E pode chorar se quiser. Não dou e pronto!

A menina saiu triste, os olhos cheios de lágrimas.

— Que bruxa, hein? — disse Giralda.

— E você viu o tamanho dela? — comentou Generosa. — Eu sou mais alta do que ela.

Giralda começou a rir.

— Ai, Generosa, você é muito engraçada.

Rosa chorava.

— Chora não, Rosa — falou Generosa. — Logo ali tem outro jardim.

— Tem? — disse Giralda, dando pulinhos. — Cadê?

Generosa deu-lhe uma bicada.

— Ai! Você me bicou!

Generosa falou baixinho:

— Estou tentando animar a franguinha...

— Ah... — respondeu a outra.

Rosa enxugou as lágrimas.

— Logo logo encontro outro jardim, não é mesmo?

— Isso mesmo — falou Giralda. — Solta a franga, menina!

Rosa sorriu.

— Será que essas galinhas podiam ficar caladas só um pouquinho? — disse uma voz sonolenta. — Estou querendo dormir!

— Estava demorando! — protestou Generosa. — Que morcego mais chato!

— Solta a franga, vampirinho! — gritou Giralda, caindo na gargalhada.

Rosa sentou-se em um meio-fio, debaixo de uma árvore. As galinhas ficaram ali ao lado dela, descansando. A menina respirou fundo e falou:

— Sinto cheiro de flor.

No céu passava mais um carro-bola.

Os carros-bola eram veículos voadores, em forma de esfera. Eram uma novidade, poucas pessoas tinham. Por isso, inevitavelmente, todo mundo olhava para o céu quando passava um.

— Solta a franga! — gritou Generosa, enquanto pulava e batia loucamente as asas, conseguindo sair um pouco do chão. — Solta a franga, ô você do carro-bola!

— Nossa, que carro-bola bonito — disse Rosa, sorrindo. — Amarelo e rosa, o mais bonito que já vi.

O carro-bola, veloz, logo desapareceu.

— Eu quero um carro-bola em forma de rosa.

— Ah, Rosa — replicou Generosa, — aí não seria um carro-bola, seria um carro-rosa.

A menina riu.

— É verdade.

— Se for assim — disse Giralda, — eu também quero um carro-galinha.

As duas galinhas caíram na gargalhada, rolaram no chão de tanto rir.

O morcego no bolso do macacão

Rosa havia pedido uma flor em uma casinha de portão verde. A dona veio com uma faca, para cortar a flor, tirar-lhe os espinhos.

— Eu quero a vermelha — disse a menina.

— Ai, eu prefiro a amarela — Generosa gritou.

A mulher cortou a flor, uma rosa vermelha desabrochada, tirou os espinhos e entregou-a à menina.

— Muito obrigada, dona — disse-lhe Rosa, com aquela felicidade que sempre tomava conta dela quando ganhava uma flor.

Saiu despetalando a rosa, enquanto as galinhas comiam as pétalas.

— Eu bem disse que a amarela é melhor. É bem mais gostosa.

— Ah, Generosa, a vermelha tem um sabor forte, prefiro a vermelha.

— Seu paladar é péssimo, Giralda!

A menina dava pulinhos e dizia, enquanto despetalava a rosa:

— Bem me quer... mal me quer... bem me quer...

Faltava uma pétala.

— Esta vou guardar no meu bolso — decidiu a menina, fugindo do temível “mal me quer”.

— Atchim! — espirrou Aristóteles, dentro do bolso do macacão. — O que é isso?

— Ah, desculpa, Aristóteles. Esqueci que você é alérgico a rosa vermelha.

— Eu falei, eu falei para pedir a amarela — disse Generosa, triunfante.

A menina jogou a pétala fora.

— É minha! — gritaram as duas galinhas ao mesmo tempo, engalfinhando-se por causa de uma pétala de rosa vermelha.

— Que galinhas gulosas! — disse Aristóteles.

Rosa riu.

— Tenho medo de que o mundo vire um galinheiro! — exclamou o morcego.

— Você é tão engraçado, Aristóteles — Rosa falou.

— Ele é um mal-humorado, isso sim. Morcego rabugento!

— Generosa, não fale assim com o Aristóteles — defendeu-o Rosa. — Ele é um sábio, um filó... filó...

— Fi-ló-so-fo — disse Aristóteles.

— Isso mesmo!

— Que filósofo que nada! — gritou Generosa. — Isso aí é um preguiçoso, isso sim, dorme o dia inteiro.

— É que os morcegos dormem durante o dia, sua galinha ignorante — disse Aristóteles, impaciente. — Ai, quanta imbecilidade!

— Mas fala aí, Aristóteles, morcego não é cego? — perguntou Giralda.

— Ai, todo dia tenho que responder a essa pergunta — falou Aristóteles. — Que galinha tola!

— Ué, é mesmo, todo mundo sabe que morcego é cego — falou Generosa. — Por que você enxerga?

— Pelo mesmo motivo de ontem.

— Ai, seu bicho chato — disse Giralda, — não me lembro mais, explica de novo.

— Para você esquecer tudo logo em seguida?

— Parem de brigar — falou a menina. — Aristóteles já disse que morcegos não são cegos, que isso é mentira.

— Mas, que eu saiba, morcegos não são brancos — disse Generosa.

— Meu pai e minha mãe choraram muito quando souberam que eu era albino — falou Aristóteles. — Minha mãe achava que eu sofreria por ser diferente.

— Mas ser diferente é bom! — disse Rosa, abrindo aquele seu sorriso cheio de dentes. — Se todo mundo fosse igual, a vida seria muito chata!

— Imagina se todo mundo fosse laranja com listras brancas — disse Giralda, olhando para Generosa.

— Ou se todo mundo fosse branco com listras cor de laranja — disse Generosa, olhando desdenhosa para Giralda.

E as duas juntas:

— Seria um tédio!

O morcego falou:

— Meus irmãos sempre me tratavam com o maior cuidado e achavam que eu não podia fazer as coisas que um morcego faz. Até que provei para eles que, mesmo diferente, ainda assim eu era um morcego.

Generosa riu e falou:

— Aristóteles, diz uma coisa, todo morcego é assim mal-humorado feito você ou só os morcegos albinos?

— Você é uma galinha muito inconveniente. Se eu não fosse um morcego educado, chupava todo o seu sangue.

As galinhas ficaram agitadas.

— Rosa, ele está nos ameaçando! — gritou Generosa, amedrontada.

— Esse vampiro é perigoso! — gritou Giralda, indignada.

— Parem com isso, meninas — disse Rosa. — Aristóteles é nosso amigo.

— Até porque — disse o morcego — o sangue de vocês duas deve estar estragado, contaminado por tanta burrice.

— Aristóteles, não fale assim com as meninas — pediu-lhe Rosa. — E vamos parar de falar em sangue, isso já está me deixando enjoada.

— De qualquer forma, não sou esse tipo de morcego não. Só como frutas, não sou vampiro.

— Eu tenho minhas dúvidas — disse Generosa.

— Cala a boca, galinha tonta — ordenou Aristóteles. — Vou tentar dormir de novo.

A Menina que Vê com as Mãos

Era uma casa azul, com grade e com um imenso jardim. Rosa achava aquela casa a mais bonita do bairro. Mas nunca ninguém atendia quando ela batia palmas.

— Acho que não mora ninguém aí — disse Giralda.

— E quem cuida das flores, Giralda? — falou Generosa. — É óbvio que tem alguém morando aí.

Ouviram Aristóteles rindo dentro do bolso do macacão.

— Está rindo de quê, seu vampiro mal-humorado? — perguntou Generosa.

E Aristóteles respondeu:

— É sempre muito engraçado quando uma galinha consegue fazer um raciocínio lógico.

— Vai dormir e nos deixa em paz, seu vampirinho chato! — gritou Generosa.

— Se vocês não falassem tão alto, talvez eu conseguisse dormir.

— Olhem lá — disse Giralda. — Está vindo uma menina.

A menina vinha andando lentamente, movimentando uma bengala. Ao chegar a um banco de ardósia perto do jardim, sentou-se.

— Menina! — gritou Rosa. — Você me dá uma flor?

— Quem é? — perguntou a menina, virando o rosto em direção à voz de Rosa.

— Ela é cega — falou Generosa.

Aristóteles colocou a cabeça para fora do bolso do macacão.

— Quem são vocês? — perguntou a menina.

— Ela pode nos ouvir! — falou Giralda. — Pensei que só a Rosa pudesse nos ouvir.

— E por que eu não poderia ouvir vocês? Sou cega, não sou surda.

As duas galinhas disparam a rir.

— Você me dá uma flor? — insistiu Rosa.

A menina levantou-se e aproximou-se da grade.

— As flores são do meu pai, ele não deixa que eu toque nelas, disse que posso me ferir com os espinhos das rosas.

— O meu nome é Rosa — a Menina da Flor apresentou-se. — Qual é o seu?

— Petúnia.

— Bonito nome! — disse Giralda.

— E quem está com você, Rosa? — perguntou a menina.

— Ah, são uns amigos meus: Aristóteles, Generosa e Giralda.

Todos disseram “oi” para Petúnia.

— Você é cega mesmo? — perguntou Rosa.

— Meu pai diz que sou cega; mas minha professora diz que sou deficiente visual. Já a

diretora da escola onde estudo diz que sou portadora de necessidades especiais.

— Nossa, para que tanto nome? — perguntou Giralda.

— Os homens têm a mania de complicar tudo — falou Aristóteles.

— E as mulheres também, como não? — disse Generosa.

— Ai, galinha subdesenvolvida — falou Aristóteles, irritado. — Quis dizer “o ser humano”.

— Então por que não disse? — falou Generosa. — Depois é “o ser humano” que complica tudo!

Giralda caiu na gargalhada.

— Essa foi boa! Gostou dessa, vampirinho?

Aristóteles ficou calado.

Petúnia estendeu uma das mãos por entre a grade para conhecer seus novos amigos. Com ela, pôde ver o rosto de Rosa e riu ao sentir o seu sorriso cheio de dentes. Ao tocar as galinhas, disse que Generosa e Giralda eram muito gordas, ao que elas agradeceram; pois, para as mesmas, quanto mais gordas eram, mais na moda estavam. Já ao tocar em Aristóteles, Petúnia falou:

— Nossa, você é tão pequeno e tem uma voz tão forte!

— Tamanho não é documento, minha cara — falou Aristóteles.

Rosa estava olhando para Petúnia, enquanto esta, com as mãos, conhecia a todos. E, por fim, disse:

— Você não é cega, nem deficiente visual e nem essa outra coisa aí que você falou.

— Portadora de necessidades especiais — disse Petúnia.

— Então, você não é nada disso — continuou Rosa. — Você é A Menina que Vê com as Mãos.

— E o que você é, Rosa? — perguntou Petúnia.

— Ah, a minha mãe me chama de doida, e a minha professora, de lelé da cuca.

— Pois você não é nem doida nem lelé da cuca — disse Petúnia. — Você é a Menina da Flor. É assim que a chamam, sabia?

— Não, eu não sabia.

— Pois é. Meu pai sempre diz que você pega as flores e as destrói. Por isso ele nunca atende quando você bate palmas.

— É verdade, eu nunca ganhei uma flor desse jardim ainda.

— Eu sei por que você faz isso com as flores.

— Sabe?

— Você não as “destrói”, como dizem por aí, você só arranca as pétalas e brinca de “bem me quer”.

— É, você também faz isso?

— Quando meu pai não está perto, eu pego uma margarida e faço essa brincadeira também.

— As margaridas são as melhores flores para se brincar disso.

— Eu li num livro...

— Ué, você não é cega, gente!? — falou Giralda.

— Ela lê com as mãos, galinha burra — disse Aristóteles, impaciente.

— Os morcegos também leem com as mãos? — provocou Generosa.

— Os morcegos não são cegos — respondeu Aristóteles. — Além disso, não escrevemos livros.

Giralda disparou a rir.

— Mas você não é o sabe-tudo? — falou Generosa. — Então mentiu quando disse que já leu muito.

— Morei durante muito tempo numa biblioteca.

— Que morcego mentiroso! — exclamou Generosa.

Petúnia distraiu-se com a discussão entre Aristóteles e Generosa, e acabou esquecendo-se de dizer o que lera no tal livro. Pegou uma margarida no jardim para Rosa, que começou logo a despetalar a flor. No final, a Menina da Flor sorriu feliz, ao dizer:

— Bem me quer!

O camelo e o arco-íris

Em um jardim de uma casa enorme, havia um camelo comendo cravos amarelos. O dono daquela casa, um homem riquíssimo, muito sério e que vivia viajando, autorizara a entrada de Rosa sempre que ela quisesse. Ele tinha uma filha da idade da menina, de quem ele sentia muita saudade, já que a filha vivia em outro país. Rosa fazia-o lembrar-se dela, por isso logo ficara amigo da Menina da Flor.

— Oi, Anastácio! — gritou Rosa, correndo em direção ao camelo.

Ele respondeu, com a boca cheia de cravos:

— Olá, querida.

— Que mal-educado! — cochichou Generosa ao ouvido de Giralda. — Olha lá, falando de boca cheia. Nem parece que vive na riqueza.

— Para você ver, Generosa — disse Giralda. — E nós que somos finas temos que viver sem mordomias.

Anastácio engoliu os cravos amarelos que mastigava e convidou:

— Quer subir?

Rosa arreganhou os dentes em um sorriso e disse “sim” com a cabeça.

Anastácio abaixou-se para que Rosa montasse sobre ele. Lá de cima, ela não conseguia parar de sorrir.

— Olha só o arco-íris, Anastácio.

— Cadê? — perguntou ele, curioso. — Ah, é mesmo. Que bonito, hein? Isso me lembra uma canção.

E começou a cantar *Over the rainbow*, uma música muito bonita composta por Harold Arlen, com letra de E. Y. Harburg, artistas do passado.

— Ai, eu adoooooooooro essa canção! — gritou Giralda. — Vamos dançar, Generosa!

Generosa estendeu as asas para a irmã, e elas começaram a dançar como se estivessem ouvindo uma valsa.

Enquanto Anastácio cantava, um passarinho azul assobiava a canção.

Logo Aristóteles, sonolento e curioso, botou a cabeça para fora do bolso do macacão, enquanto bocejava.

— O que ele está dizendo, Aristóteles? — quis saber Rosa.

— Está cantando em inglês, menina — respondeu o morcego.

— Mas você não sabe inglês?

— Ele está dizendo que, em algum lugar além do arco-íris, existe um mundo em que o céu é azul e os sonhos podem se realizar e blá-blá-blá blá-blá-blá.

E Aristóteles voltou a se encolher dentro do bolso do macacão.

Anastácio continuou cantando, os olhos fechados, como se fosse um Frank Sinatra camelo.

— Uma coisa não posso negar — falou Generosa. — O camelo canta muito bem!

E as duas galinhas riram, felizes, e continuaram a dançar.

Enquanto o camelo cantava, uma lua alaranjada apareceu no céu, em pleno dia claro. E dois carros-bola, um lilás e outro branco com pintinhas pretas, ficaram flutuando sobre o jardim enquanto Rosa acenava para eles, toda feliz ali no lombo do camelo.

O Gato do Deserto

Todas as noites, quando Rosa ia dormir, ela sonhava com o Gato do Deserto. Ele era um gato grande e gordo, mas incrivelmente veloz. Tinha a cor de areia. Tudo nele tinha cor de areia, inclusive os olhos, os lábios, as gengivas, os dentes, a língua, o céu da boca, as unhas, tudo. Por isso, ele era completamente invisível quando caminhava no deserto. E seus inimigos, portanto, chamavam-no de Gato Invisível. Mas Rosa podia vê-lo, pois nos sonhos tudo é possível.

Assim que pegava no sono, Rosa acordava do outro lado, no mundo dos sonhos, e era recebida pelo miado amigo do Gato do Deserto.

Nesse mundo, Rosa tinha poderes incríveis, podia até voar e não se cansava jamais.

O deserto era perigoso, repleto de inúmeras plantas carnívoras gigantes. Era com essas plantas que Rosa lutava toda noite, ao lado do Gato do Deserto. Pois eles queriam encontrar o Oásis. Esse era o nome de um local que, segundo o felino, era o lugar mais lindo daquele mundo.

Rosa ficava sempre curiosa para ver esse lugar, para ver se ele era lindo assim mesmo do jeito que o gato falava.

Quando acordava, a menina ficava um pouco triste, pois tinha a sensação de que o seu lugar, na verdade, era o mundo dos sonhos, e não aquele em que vivia. Mas Rosa não era uma

menina que alimentava tristezas, o sorriso nascia inevitavelmente todos os dias.

— Que história mais escalafobética! — disse Generosa, duvidando da menina.

— Escala o quê? — perguntou Giralda, toda confusa.

— Es-ca-la-fo-bé-ti-ca! — respondeu Generosa, com ar de sabe-tudo. — Não conhece essa palavra, Giralda?

— Não. O que significa?

— Ah, procura no dicionário — respondeu Generosa, sem reconhecer que ela também não sabia o significado exato.

E Rosa contou que estavam quase chegando ao Oásis, que, na última noite, ela enfrentara um montão de plantas carnívoras e que o Gato do Deserto a salvara várias vezes de ser devorada por aquelas plantas fedorentas.

— Que imaginação tem essa menina — disse Generosa.

Olhou assim meio de lado para Giralda, e as duas galinhas começaram a rir, sacudindo todo o corpo.

— Você podia ser inventadora de histórias, hein, Rosa — falou Giralda.

— Inventadora de histórias? E tem isso? — Rosa perguntou, mostrando os dentes em um sorriso.

De dentro do bolso do macacão, veio a voz de Aristóteles:

— Ela deve estar querendo dizer que você podia ser escritora.

— Não! — protestou Giralda, séria. — Quis dizer o que disse: “inventadora de histórias”. Não precisa escrever, só inventar.

— Ah, quanta insanidade — resmungou o morcego. — Melhor voltar a dormir.

— Isso mesmo, vampiro enxerido — disse Generosa. — Mania de se meter na conversa dos outros.

— Deixa para lá, Generosa — falou Giralda. — Estou doida para dar um rolé por aí, tem muitas florezinhas saborosas esperando por nós.

Rosa sentiu-se cansada e sentou-se no meio-fio.

— Está cansada de novo, Rosa? — perguntou Giralda.

E o diálogo de sempre se repetiu:

— Sim, um pouco cansada. Logo logo fico bem de novo.

— Ai, Rosa — Generosa falou, — seu coração novo está demorando a chegar, hein?

E Giralda disse:

— Não entendo por que a loja não fabrica esse coração logo!

E Aristóteles, como das outras vezes, pôs a cabeça para fora do bolso do macacão e explicou:

— Sei que amanhã vão fazer as mesmas perguntas de novo. Mas, se não explico, vocês não deixam a Rosa em paz.

— Então explica, sabe-tudo — falou Generosa.

— Galinhas idiotas — disse Aristóteles, — coração não se compra em loja. É preciso que alguém doe um coração para Rosa.

— Ué, quem é doido de dar o próprio coração para outra pessoa? — perguntou Giralda, surpresa.

— Não é a própria pessoa que doa seu coração, e sim a família de alguém que não precisa mais do coração.

Então Giralda falou:

— Ué, se alguém não precisa mais do coração é porque... ai... entendi.

— Finalmente — resmungou Aristóteles.

— Se eu for para o céu das galinhas antes de você, Generosa, pode doar meu coração para a Rosa.

— Mas galinha não pode doar para gente — disse Aristóteles.

— Ah, não? — perguntou Giralda. — Pensei que todo coração fosse igual.

Rosa levantou-se e caminhou lentamente de volta para casa. E, naquele dia, passou a maior parte do tempo deitada, sonolenta, como uma florzinha que vai murchando e perdendo o perfume.

Cão que ladra também pode morder

Cada dia que passava, o cansaço de Rosa aumentava. A menina começou a sair pouco. Mas havia dias em que Rosa acordava animada, punha seu macacão surrado e saía com os amigos para pedir umas flores.

Quando Rosa bateu palmas diante de uma casinha branca, um cão vira-lata logo apareceu, latindo furioso com a presença da menina. Rosa assustou-se, afastou-se da grade do portão, com medo de ser mordida.

Giralda começou a gritar.

— Para de gritar, Giralda — ordenou Generosa. — Já não basta esse vira-lata fazendo tanto barulho?

Mas Giralda estava descontrolada, não conseguia parar de gritar e dar pulinhos de um lado para o outro.

Não teve jeito, Generosa deu-lhe uma boa bicada.

— Ai! — gritou Giralda. — Por que fez isso?

— Ora, você está fora de controle. Não vê que Rosa fica ainda mais assustada?

Giralda acalmou-se, e Generosa disse-lhe:

— Nunca ouviu o ditado que diz que “cão que ladra não morde”?

Aristóteles mostrou seu rostinho de morcego sonolento e falou:

— Esses ditados não têm nenhum fundamento científico.

— Ai, ai. Lá vem o sabe-tudo — disse Generosa.

— Vamos embora, Rosa — aconselhou o morcego.

— Ai, queria tanto aquela rosa amarela, Aristóteles!

O vira-lata chocava-se contra o portão de grade, que, destrancado, de repente, abriu-se.

— Salve-se quem puder! — gritou Giralda, alçando pequenos voos, seguida por Generosa.

Rosa também correu. Mas estava tão debilitada a pobrezinha! Não conseguia correr muito. Logo se sentiu muito cansada, parou, começou a chorar e encolheu-se toda, em um ato instintivo.

Porém, uma surpresa. Com uma agilidade de ninja, Aristóteles saiu voando do bolso do macacão e, com a ponta de uma de suas asas de morcego, fez uma leve pressão no topo da cabeça do vira-lata enlouquecido. O cão emitiu um rápido ganido e desmaiou.

— Você matou o pobrezinho? — perguntou Rosa.

— Não se preocupe — disse-lhe Aristóteles. — Ele só vai dormir um pouco.

— Onde aprendeu a fazer isso?

— Vivi um tempo no Oriente.

Rosa estava surpresa.

— Nunca imaginei que um bichinho tão pequeno pudesse...

— Domar uma fera ensandecida?

— Como fez isso?

— Rosa, em artes marciais, o importante não é o tamanho do lutador, mas a sua técnica. A força está na mente e não no corpo.

O coração de Rosa

Rosa não conseguia mais andar por aí. E os donos de jardim ficaram com saudade da menina, era como se seus jardins não existissem sem Rosa. Descobriram que ela sentia muito cansaço, por isso não saía mais de casa, e decidiram mandar-lhe flores todos os dias. A menina ficava feliz, sorria grande e despetalava algumas delas.

— Come a sopinha que fiz para você, minha filha — dizia-lhe a mãe, sentada na beira da cama, com um prato de sopa quentinha.

A menina dizia “não” com a cabeça. Sentia-se tão cansada que nem conseguia falar ou ter força para engolir.

— Ô, Rosa, faz um esforço, meu amor.

A mãe colocou o prato sobre uma cadeira que estava perto da cama, fez carinho nos cabelos da menina e falou:

— Nem toda rosa tem coração, sabia? Só as rosas especiais como você. E o coração de uma rosa precisa de adubo para ficar forte. Por isso, precisa comer a sopinha.

Rosa sorriu um sorriso fraco.

— Sabia que você foi uma rosa de verdade? Morava num lindo jardinzinho. Passei e colhi você, coloquei-a num copinho de água, e, quando acordei de manhã, você tinha se transformado numa menina. Mas eu sabia que, no fundo, você nunca deixaria de ser uma rosa.

O cansaço era tanto que Rosa passou a dormir a maior parte do tempo e vivia mais no mundo dos sonhos, com o Gato do Deserto, do que no mundo real.

Por isso, logo logo eles conseguiram chegar ao Oásis. E aquele era o lugar mais lindo que Rosa já conhecera. Havia muita água limpa, muitos pássaros felizes, muito sol e, o que era melhor, uma infinidade de flores de todas as cores e espécies.

Então Rosa sentiu uma felicidade tão grande, tão intensa, que, apesar da saudade que sentiria da sua mãe e dos seus amigos, acabou ficando no mundo dos sonhos e não mais voltou.

O mundo sem Rosa

Depois da partida de Rosa, Aristóteles voltou para aquela biblioteca onde havia vivido antes de conhecer a menina. E resolveu morar ali, pois aquele lugar era calmo e silencioso, bom para se viver. Lá, nunca se sentia sozinho, pois tinha sempre a companhia dos livros e de seus personagens.

Já para Generosa e Giralda, a ausência de Rosa não fez muita diferença, pois logo se esqueceram da menina. Não porque fossem galinhas insensíveis, mas porque seus cérebros eram incapazes de guardar as memórias por muito tempo; por isso, elas não sofriam de saudade.

Os moradores do bairro, no entanto, sentiram a falta da Menina da Flor. E, por um tempo, para reconfortar o coração de sua mãe, enviaram flores para esta, flores de que Rosa, provavelmente, tiraria pétala por pétala e teria sempre a certeza de que era benquista.

Mas isso não aliviou a tristeza da mãe de Rosa, que, todos os dias, ia até o quarto da menina e ficava ali, um longo tempo, pensando nela. Às vezes, dormia na cama da filha para tentar encontrá-la em sonho.

Até que, finalmente, em uma noite, ela conseguiu isso. E ficou tão feliz ao ver a menina, que até chorou. Então, Rosa sorriu o seu sorriso

cheio de dentes, abraçou sua mãe e mostrou-lhe onde vivia agora em companhia do Gato do Deserto. O Oásis era um lugar maravilhoso, cheio de luz, calor e flores.

A partir de então, a mãe de Rosa não sentiu mais saudade. Todas as noites, visitava a filha e prometia-lhe que, quando estivesse bem velhinha e cansada, também deixaria este mundo e moraria lá no sonho, no Oásis, junto com ela.

Todos os dias, ao acordar, a mãe de Rosa encontrava uma rosa ao lado do travesseiro. Ela sorria e começava a tirar pétala por pétala, enquanto falava:

— Bem me quer... mal me quer...

E a última pétala sempre lhe dizia o quanto era benquista por sua filha, que morava no Oásis, em companhia do Gato do Deserto, no mundo dos sonhos.